FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Tudo Acontece Numa Segunda-Feira de Manhã
O absurdo como retrato da precarização do trabalho

Por Bob Sousa[1]

Apresentado no CET, durante a 40ª edição do Festivale, “Tudo Acontece Numa Segunda-Feira de Manhã”, integrante da trilogia Pessoas Trabalhando, transforma a experiência de uma seleção de emprego em um laboratório do absurdo, no qual a busca por uma oportunidade profissional revela mecanismos de humilhação, submissão e violência simbólica presentes nas relações de trabalho contemporâneas. Com texto de Vinícius Piedade e direção de Silvana Garcia, a montagem acompanha dois candidatos submetidos a testes cada vez mais insólitos, construindo uma comicidade que nasce do constrangimento e da desproporção entre as exigências impostas e a dignidade daqueles que precisam se submeter a elas. O riso, nesse contexto, ultrapassa o entretenimento e funciona como instrumento crítico para expor a perversidade de um sistema que transforma a necessidade de trabalhar em condição de vulnerabilidade.

Antes mesmo de apresentar a situação ficcional, o prólogo estabelece uma relação direta com os espectadores por meio de uma pergunta aparentemente simples: o que significa trabalhar e, em sentido contrário, o que representa não ter trabalho? A provocação desloca a discussão para a experiência concreta da plateia, convocada a reconhecer suas próprias relações com o emprego, o desemprego e a instabilidade profissional. Ao romper a distância convencional entre palco e público, a encenação estabelece uma cumplicidade que prepara o terreno para o jogo metalinguístico desenvolvido ao longo da apresentação. A pergunta inicial não é apenas uma introdução temática, mas um dispositivo dramatúrgico que aproxima a experiência dos espectadores daquela vivida pelos personagens.

[1]**Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

A organização estética da montagem encontra na presença de Evas Carretero e Vinícius Piedade seu principal eixo de sustentação. A direção aposta na precisão do jogo cênico e na exploração das possibilidades físicas e expressivas dos dois intérpretes. Seus corpos tornam-se matéria central da composição visual, alternando posições de poder e vulnerabilidade, cumplicidade e competição, obediência e resistência. A expressividade corporal traduz a progressiva perda de autonomia dos candidatos, submetidos a provas que ultrapassam a avaliação de competências profissionais e passam a funcionar como demonstrações de disponibilidade irrestrita. Gestos, deslocamentos, posturas e reações físicas revelam o esforço de preservar alguma individualidade diante de um sistema que exige adaptação permanente.

Um dos aspectos mais instigantes da encenação está na organização do espaço, que parece permanecer em estado de constante improviso, como se estivesse à espera de uma grande cenografia que ainda será construída. Essa condição de incompletude não representa ausência de elaboração visual, mas uma escolha que dialoga diretamente com a precariedade das situações apresentadas. O cenário provisório estabelece uma correspondência com os próprios personagens, igualmente suspensos entre a expectativa de conquistar uma oportunidade e a incerteza do futuro profissional. Há uma promessa permanentemente adiada: assim como os candidatos aguardam uma aprovação que poderá transformar suas vidas, o espaço parece esperar por uma estrutura definitiva que nunca chega a se concretizar. A imagem também aproxima a experiência dos personagens das condições de produção do próprio fazer teatral, revelando a instabilidade dos meios, a necessidade de adaptação e a permanente negociação entre desejo artístico e condições materiais.

A economia dos elementos cenográficos, com mesa, cadeiras e arara de roupas sociais, desloca a atenção para os intérpretes e transforma objetos cotidianos em componentes de uma dramaturgia visual. O figurino assinado por Piedad reforça as referências ao ambiente corporativo, apresentando as roupas sociais como códigos de pertencimento e adequação. Vestir-se, comportar-se e demonstrar disponibilidade tornam-se parte de uma encenação

da competência, na qual a aparência também participa dos mecanismos de avaliação. Já o desenho de luz de César Pivetti, baseado em iluminação geral, acompanha a proposta despojada da montagem, mantendo o espaço cênico iluminado e preservando a exposição dos atores, sem recorrer a grandes variações de atmosfera ou recortes luminosos. A luz sustenta o jogo dos intérpretes e mantém a atenção concentrada nas ações e situações absurdas. A operação de som e luz de Márcio Baptista completa essa organização técnica.

O humor físico e a construção de situações absurdas produzem uma narrativa visual marcada pelo contraste entre a formalidade dos procedimentos seletivos e a progressiva irracionalidade das tarefas propostas. O absurdo não está distante da realidade, mas radicaliza comportamentos e exigências naturalizados no cotidiano de quem procura trabalho. A comicidade nasce justamente dessa proximidade entre o extraordinário da representação e a banalidade das violências presentes nas relações profissionais. A mesa, as cadeiras, as roupas e a disposição dos corpos transformam o espaço em uma estrutura de poder, na qual os candidatos precisam negociar continuamente sua presença e permanência.

A dimensão metalinguística amplia essa discussão ao aproximar a condição do trabalhador daquela do artista, que também precisa demonstrar continuamente sua capacidade para conquistar uma oportunidade. Os personagens procuram emprego, mas parecem igualmente disputar o direito de permanecer em cena. O ator, assim como o candidato, está exposto ao julgamento alheio, submetido a expectativas e à necessidade de provar seu valor. Essa correspondência faz do palco um território de reflexão sobre a instabilidade profissional que atravessa diferentes campos de atuação.

Em Tudo Acontece Numa Segunda-Feira de Manhã, a visualidade não se limita a ilustrar as situações cômicas, mas participa diretamente da construção de sentido. O prólogo que convoca o público, o cenário em permanente estado de improviso, os figurinos, a economia dos objetos e a fisicalidade dos intérpretes compõem uma dramaturgia visual que transforma o processo seletivo em experiência de exposição humana. Há uma coerência entre forma e conteúdo: uma encenação que parece esperar por sua própria conclusão

enquanto seus personagens aguardam a oportunidade de começar uma nova vida profissional.

O texto de Vinícius Piedade revela especial brilhantismo ao construir uma engrenagem dramatúrgica na qual o absurdo não se esgota na comicidade das situações, mas expõe a repetição quase interminável dos mecanismos de exploração e submissão do mundo do trabalho. A ideia do eterno retorno atravessa a estrutura da peça, sugerindo que os candidatos estão aprisionados em um ciclo de provas, expectativas e frustrações que se renova sem oferecer garantias de transformação. Cada teste parece conduzir a outro, cada tentativa de aprovação inaugura uma nova exigência, como se a promessa de uma oportunidade estivesse sempre sendo adiada. Essa circularidade também dialoga com a própria rotina produtiva, marcada pelo retorno incessante das segundas-feiras, pela repetição dos rituais profissionais e pela necessidade de recomeçar continuamente. Piedade transforma essa lógica em uma construção cômica e inquietante, na qual o riso revela sua dimensão mais crítica: a de reconhecer que, para muitos trabalhadores, a promessa de um futuro melhor parece reproduzir indefinidamente as mesmas condições de precariedade.

A segunda-feira de manhã, tradicionalmente associada ao reinício da rotina produtiva, converte-se em uma espécie de pesadelo cômico, no qual a promessa de uma oportunidade se confunde com a ameaça de perder a própria dignidade. Mais do que satirizar os processos seletivos, a montagem expõe uma sociedade na qual a possibilidade de trabalhar se tornou também uma exigência de disponibilidade absoluta. Sua força crítica está em transformar essa contradição em experiência teatral, fazendo da precariedade uma matéria de criação e do absurdo uma forma de reconhecimento da realidade. Ao final, permanece a pergunta que atravessa toda a encenação: até onde alguém está disposto a ir para conquistar um emprego e quanto de si mesmo precisa sacrificar para ser considerado apto a trabalhar?